

A cultura do machismo, a mulher e a música:

a mulher artista

Ana Laura Bonini Rodrigues de Souza

Como citar: SOUZA, Ana Laura Bonini Rodrigues de. A cultura do machismo, a mulher e a música: a mulher artista. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade:** diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.145-162.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-86-6.p145-162>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A CULTURA DO MACHISMO, A MULHER E A MÚSICA: A MULHER ARTISTA

Ana Laura Bonini Rodrigues de Souza

INTRODUÇÃO

O presente artigo se principia com uma concisa discussão sobre o histórico das famílias tradicionais patriarcais existentes desde tempos longínquos, abordando o machismo incrustado na sociedade patriarcal, caminhando até os tempos atuais, dessa forma, entendendo gênero como construtor de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e como primeira forma de significar as relações de poder, em acordo com Scott (1995), o objetivo do artigo dará enfoque às mulheres artistas e suas lutas descritas em suas composições musicais.

Assim, em inicial momento, este estudo se inicia com a construção da mulher na família, e a história social desta, que considerava o casamento como a única forma de constituí-la. Ainda será analisada a necessidade

desta norma de conduta, o casamento, sob a ótica patriarcal e marital que era imposta às mulheres até o século passado.

Adiante será dissertada a inexistência dos direitos das mulheres no referido modelo familiar patriarcal, machista e sexista dos tempos antigos e, nos novos tempos, a árdua e contínua batalha contra o machismo, bem como a luta para a concretização das letras das leis, antes mortas, para as mulheres.

Ao final são discutidas as concepções da palavra mulher no latim, dicionário físico e on-line, em que se pode notar conotações pejorativas e degradantes relacionadas a palavra mulher, como também é realizado um passeio histórico por algumas mulheres fortes da história, desde Lilith, personagem encontrada na bíblia que pela recusa de submissão, foi denominada como um demônio, assim como, mulheres trabalhadoras e artistas que lutaram contra o machismo, enfatizando a arte como meio de voz para as oprimidas.

HISTÓRICO: MULHERES, MACHISMO, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ONU, 1948, art. 2º, grifo nosso).

O machismo é o mal que assola a sociedade brasileira. Pode-se ilustrar aludida afirmação com a existência da essência do modelo patriarcal/marital, em que a sociedade ainda se encaixa. Em tempos não tão longínquos, a mulher precisava de um homem para ser reconhecida perante a sociedade como uma “pessoa” digna de respeito. Coloca-se pessoa entre aspas, pelo motivo de que a mulher era vista como objeto; um ser que não possuía o direito de resolver ou decidir nada por si mesma.

A mulher devia obediência ao patriarca da família, fosse ele pai, marido, cunhado, etc. Também era necessário que ela se casasse logo, para não ser vista como “solteirona, mulher indigna e sem qualquer utilidade”,

a mulher era vista como um ser apenas para procriar, como também cuidar da casa, educar os filhos e satisfazer as vontades do marido, homem este, que era tratado como se dono fosse das vontades e anseios da esposa.

Salienta Martins:

É preciso lembrar que até poucos anos atrás, conforme o Código Civil vigente desde 1916, as mulheres eram relativamente incapazes e a prática de atos como comprar, vender e trabalhar dependia da anuência de seus maridos. O casamento era indissolúvel e a adoção do nome do marido pela mulher era obrigatória. Os filhos concebidos fora do casamento eram considerados ilegítimos, o que desonerava o pai e atribuía à mãe as responsabilidades com as crianças “bastardas” como forma de punição simbólica ao desrespeito com a família. Esta situação de subalternidade legal das mulheres foi alterada apenas em 1962, com o advento do Estatuto da mulher Casada, em que as mulheres recuperaram sua plena capacidade civil. Apenas neste momento, tornou-se inexistente a permissão masculina das mulheres para trabalhar. A indissolubilidade do casamento foi revogada somente em 1977, quando se aprovou a Lei do Divórcio. A alteração significativa do status da mulher diante da lei se deu apenas com a Constituição de 1988. Pela primeira vez, há apenas 26 anos, enfatizou-se a igualdade entre homens e mulheres – em direitos e obrigações – no ordenamento jurídico brasileiro. (MARTINS, 2014).

A mulher não possuía o direito de decisão sobre como iria seguir sua vida, como, por exemplo, se iria se casar, ter filhos ou ser solteira, dependia totalmente de um homem para que se encaixasse nos moldes da sociedade machista e sexista em que vivia. O matrimônio era oficialmente declarado como o vínculo gerador de uma sociedade conjugal, independente de afeto ou amor, era um contrato de livre vontade de escolha do pai da família.

A mulher era um objeto com a anuência dos homens, do Estado, bem como da religião. Alega Badinter (1985, p.35):

O imaginário de família cristã indicava que “O homem deve ser o chefe do casal, pois foi criado em primeiro lugar e deu origem à mulher. É a ele, portanto, que cabe o poder de mandar. Embora São Paulo acrescente que as ordens do marido deverão ser temperadas

pelo amor e o respeito que deve à sua mulher, embora reconheça nesta um poder de persuasão (simples poder da retórica), é ao marido que compete a decisão final. São Paulo resumiu as relações do casal numa fórmula famosa durante séculos: “Vós, maridos, amai as vossas próprias mulheres, como também Cristo amou a Igreja...assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.”

Hoje, com tanta resistência e luta, as mulheres continuam sofrendo as mais diversas opressões, sendo que apesar de possuírem direitos nas letras da lei, o caminho ativo, a “vida real” a ser percorrida, ainda é árdua e longa.

Destaca-se que, as famílias também percorreram os caminhos da desconstrução da sociedade marital, como por exemplo, mães solteiras com seus filhos já são reconhecidas pela lei como famílias, apesar de toda discriminação que ainda sofrem e o afeto se constitui como agente formador das famílias (DIAS, 2015).

Há não muito tempo atrás, era impossível a dissolução de uma união onde não havia mais amor e afeto, enfatizando a importância do reconhecimento do Estado para as multiformações familiares, na mesma linha de pensamento salienta Tosi (2016):

Até 1962, as mulheres casadas só podiam trabalhar fora de casa se o marido permitisse, uma limitação imposta pelo Código Civil de 1916. As próprias mulheres se mobilizaram e apresentaram propostas década após década para mudar o quadro legal. Também até pouco tempo não era considerado juridicamente possível que houvesse estupro entre cônjuges e assassinato por honra era aceitável.

Na História, fazer do outro um objeto é quase que uma tradição, a sociedade brasileira se moldou em padrões machistas, sendo que para manter a salvo a “honra da família tradicional”, eram deixados de lado o amor, o respeito e a consideração de uma pessoa como ser humano.

Badinter relata aludida proteção:

Vital para a manutenção de uma sociedade hierarquizada, em que a obediência era a primeira virtude, o poder paterno devia ser mantido a qualquer preço. Exercia-se nesse sentido uma pressão social tão forte que quase não sobrava lugar para qualquer outro sentimento. O Amor, por exemplo, parecia ser muito débil para que sobre ele se construísse alguma coisa. (BADINTER, 1985, p. 29).

A união pautada nos valores de “família tradicional” possuía perfil hierárquico e patriarcal, onde mulheres eram destinadas exclusivamente para aos cuidados com o lar, tendo suas vontades e ações submetidas aos mandos dos cônjuges, obrigadas a educar suas vontades às de seus esposos, sem direitos, apenas cumpridoras dos deveres impostos.

A construção de subordinação da mulher foi construída no modelo familiar dissertado, sendo que tais condutas degradantes vividas no lar eram reproduzidas na vida pública. As tradições como as mudanças sociais, começam no ambiente familiar, um ambiente de guerra e paz.

À luz de Dias:

A família, apesar do que muitos dizem, não está em decadência. Ao contrário, houve a repersonalização das relações familiares na busca do atendimento aos interesses mais valiosos das pessoas humanas: Afeto, solidariedade, lealdade, confiança, respeito e amor. (DIAS, 2015, p. 34).

Ares de mudanças começam a rondar o mundo, leis protetivas e mais libertárias são escritas, em concordância, disserta Dias (2015), que, com a mulher no mercado de trabalho, o homem deixou de ser o único recurso de subsistência da família, alterando-se assim, a estrutura familiar que, agora deixava de ter caráter único e exclusivamente produtivo e reprodutivo.

Novas leis começaram a se encaixar de fato na sociedade, trazendo vida para as “mulheres de decoração”. Com a instauração da igualdade entre homem e mulher, igualdade de filhos, a extensão da proteção à família (união estável/ monoparental), bem como, a possibilidade da dissolução extrajudicial do casamento, o direito, começou a se encaixar na sociedade de fato.

A evolução legislativa se fez presente, não há mais hierarquia e diferenças entre filhos biológicos e adotivos, bem como, não há o pátrio poder, e sim, o poder familiar, o qual acoberta a igualdade entre os cônjuges. Houve o reconhecimento social dos vínculos afetivos, a pluralidade de arranjos familiares construídos pelo afeto, passaram a ter relevância no mundo formal jurídico. Frisa-se também a Lei Maria da Penha n. 11.340/2006, visando à proteção das mulheres com relação às violências domésticas. Apesar da Lei ainda não alcançar e proteger efetivamente todas as mulheres, dada a ausência de políticas públicas para sua efetivação, é um avanço jurídico brasileiro, formalidade necessária para mudanças sociais.

Tantas mudanças escritas em lei
Tanto sangue derramado
Para que essa lei fosse real
Efetiva
Tanta revolta
Tantas mulheres choraram
E tantas outras sangraram
Para uma igualdade que ainda não é igual
Ainda não é igual...

MULHERES QUE LUTARAM; MULHERES QUE AINDA LUTAM: HISTÓRICAS, TRABALHADORAS E ARTISTAS

A procura do significado do substantivo mulher, foram encontrados significados enfatizando funções culturalmente construídas, como por exemplo, a ligação da significação de mulher com esposa “pessoa do sexo feminino; esposa” (SILVEIRA BUENO, 2000, p. 527). Ximenes (2013) também menciona as origens da palavra mulher com ligação a fraqueza:

A palavra “MULHER” tem origem do latim “MULIER”, que significava o mesmo, ou seja, “mulher”, especialmente as casadas. “MULIER”, por sua vez, já é uma derivação de outra palavra latina, “MOLLIOR”, que é o superlativo relativo de “MOLLIS” que, em fim, é o latim para “mole”. Isso mesmo, “mole”! Como em molenga, fraco, sem consistência, etc. (XIMENES, 2013).

Buscando em dicionários online, enfocando encontrar múltiplas significações da palavra mulher, foi encontrado que mulher seria um membro adulto da espécie humana do sexo que produz óvulos e dá à luz a crianças, bem como nas buscas próximas apareceram: Mulher de vida fácil, mulher da vida, mulher pública¹. É notória a significação fraca, baixa e com a função procriatória de que foi imposta historicamente à mulher, a violência começa na linguagem sexista, em consonância com Macedo (2015, p.17):

O sexismo da linguagem é reflexo de sociedades profundamente androcêntricas, que colocam as mulheres em subordinação; esta é de tal forma naturalizada que muitas vezes as próprias mulheres não desenvolveram consciência sobre ela e contribuem para a sua reprodução. Esta questão tem sido objeto de amplo debate teórico. Exemplo amplamente conhecido é a utilização da palavra Homem para referir a Humanidade como um todo, sob o argumento de que “a mulher” está representada no “H” maiúsculo. Tratando-se, claramente da utilização de um “universal neutro” (LISTER, 1997), a que subjaz um sujeito masculino dito universal e a que corresponde a invisibilização social naturalizada das mulheres (MACEDO, 2009). Podendo servir à manutenção de um poder hegemônico masculino, o sexismo da linguagem constitui uma forma de violência social sobre as mulheres. (MACEDO, 2015, p.17)

Quebrando regras e padrões desumanos para com as mulheres, existiram e ainda existem mulheres que não desistem e lutam, enxergando a loucura atroz imposta pelo machismo.

Em primeiro lugar a mulher de grande importância a aparecer neste artigo, é Lilith, a qual muitos desconhecem; Na história contada pela Bíblia, Lilith foi a primeira mulher de Adão que não se submeteu ao machismo e a dominação do homem, sendo que desta forma, por sair do tradicional machismo incrustado pela sociedade, tornou-se um demônio.

Vejamos:

Existe, contudo, uma outra interpretação, que nos parece mais fascinante, a de que, a exemplo do que foi feito com os animais,

¹ DICIONÁRIO ONLINE GLOSBE. *Significados de mulher*. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/pt/la/mulher>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Deus teria criado um casal: Adão e uma mulher que antecedeu a Eva. Esta mulher primordial teria sido Lilith, figura bastante conhecida da antiga tradição judaica. Lilith não se submeteu à dominação masculina. A sua forma de reivindicar igualdade foi a de recusar a forma de relação sexual com o homem por cima. Por isso, fugiu para o Mar Vermelho. Adão queixou-se ao Criador, que enviou três anjos em busca da noiva rebelde. Os três anjos eram Sanvi, Sansanvi e Samangelaf. Os emissários do Senhor tentaram em vão convencer a fujona. Ameaçaram afogá-la no mar. Lilith, porém, respondeu: “Deixem-me, não sabeis que não fui criada em vão e que é meu destino dizimar recém-nascidos; enquanto é um menino tenho poder sobre ele até o oitavo dia, se é menina, até o vigésimo. No entanto, ela jurou aos anjos, em nome do Deus vivo, de que sempre que avistasse as figuras ou apenas os nomes dos mensageiros de Deus, deixaria a criança em paz. Também aceitou o fato de que diariamente iriam perecer cem de seus próprios filhos.” (Gorion, :53). Lilith foi transformada em um demônio feminino, a rainha da noite, que se tornou a noiva de Samael, o Senhor das forças do mal. (LARAIA, 1997, p. 149).

Lilith representa todas as mulheres que quebram o padrão, mulheres que mostram a força de decisão e competência, sendo assim são subjugadas e taxadas como Lilith que foi julgada como um demônio, ser das trevas, indesejável por todos, sem o merecimento de respeito. Por analogia, é possível a comparação da mulher Lilith com a mulher moderna atual.

Mulheres fortes, que não aceitam a submissão e a falta de dignidade imposta por tradicionais machistas são vistas pelo homem e pela sociedade como uma mulher sem valor. Uma mulher que não segue o padrão do patriarcado ainda é vista como rebelde, “descabeçada”, safada, entre outros tantos adjetivos pejorativos. O padrão patriarcal é descrito por Saffioti (2015), como sendo uma ordem social baseada no controle dos homens sobre as mulheres, o qual não permite que as mulheres permeiem longe da feminilidade, submissão e obediência ao sexo masculino.

Entre tantas as mulheres fortes e libertárias, encontram-se Patrícia Rehder Galvão, a Pagu², Frida Kahlo³ e Maria da penha⁴, a mulher que, com sua luta possibilitou a criação da Lei Federal 11.340/2006 (BRASIL, 2006), para a proteção das mulheres que sofrem violência doméstica, como também foi indicada para o prêmio nobel da paz em 2017.

Com relação ao mundo artístico, enfatizando a música, existem inúmeras cantoras famosas e não famosas que lutam diariamente para conseguir um espaço no meio musical. As dificuldades são imensas, desde as diferenças no cachê, sendo pago o maior ao músico do gênero masculino, bem como com relação ao assédio e ao desrespeito pela mulher cantora.

Rita Lee foi a primeira cantora de rock no Brasil. Mulher autêntica e de coragem exposta em suas composições, observemos: Durante os anos 70, a cantora e compositora Rita Lee conseguiu, por meio e suas letras, questionar, zombar e, na medida do possível, romper com as imposições

² Escritora, jornalista, produtora cultural e militante na política brasileira. Apesar de ser filha de família tradicional brasileira, ela se comportava de forma atípica, fora dos padrões. A escritora defendia a antropofagia de Oswald de Andrade, a libertação sexual da mulher e a sua busca pela autossuficiência amorosa, possuía uma coluna feminista nomeada “A mulher do povo”, notemos: A defesa da mulher pobre e a crítica ao papel conservador feminino na socialidade permearam a vida e as obras da idealista Pagu. (PORTAL EBC, 2016).

³ Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon, conhecida como Frida Kahlo, nasceu em 6 de julho de 1907, em Coyoacan, no México, para uma vida cheia de percalços. Frida era uma revolucionária. Ao contrário da elite de sua época, ela gostava de tudo o que era verdadeiramente mexicano: jóias e roupas das índias, objetos de devoção a santos populares, mercados de rua e comidas cheias de pimenta. Fiel ao seu país, a pintora gostava de declarar-se filha da Revolução Mexicana ao dizer que havia nascido em 1910. Militante comunista e agitadora cultural, Frida usou tintas fortes para estampar em suas telas, na maioria auto-retratos, uma vida tumultuada por dores físicas e dramas emocionais (...) Frida sempre pintou a si mesma: ‘Eu pinto-me porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor’. Suas angústias, suas vivências, seus medos e principalmente seu amor pelo marido, o pintor mexicano Diogo Rivera (...) Frida amargou muitas amantes do marido, seu grande amor e reconhecido mulherego. Mas também viveu romances paralelos com mulheres e homens, o mais famoso com o revolucionário russo León Trotski. (REVISTA ÉPOCA, 2015).

⁴ A violência contra a mulher é um tema que tem sido objeto de muitas discussões. A violência doméstica contra as mulheres ocorre em todo o mundo e perpassa as classes sociais, as diferentes etnias e independe do grau de escolaridade. Cada vez mais, a violência de gênero é vista como um sério problema da saúde pública, além de constituir violação dos direitos humanos. Em todo o mundo, pelo menos uma em cada três mulheres já foi espancada, coagida ao sexo ou sofreu alguma outra forma de abuso durante a vida. O agressor é, geralmente, um membro de sua própria família. A Lei Federal 11.340/2006 de Combate à Violência Doméstica e Familiar, sancionada pelo presidente Lula, em agosto de 2006, foi batizada como Lei Maria da Penha, em homenagem à professora universitária cearense Maria da Penha Maia que ficou paraplégica por conta do marido ter tentado assassiná-la. A Lei Maria da Penha criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (MORENO, 2014).

de costumes e de comportamentos o gênero feminino (MAGI, 2017). Suas letras quebravam regras e padrões machistas, ilustremos:

PAGU

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Ratatá! Ratatá! Ratatá!
Taratá! Taratá!
Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Hanhan! Ah! Hanran!
Fama de porra louca, tudo bem!
Minha mãe é Maria Ninguém
Hanhan! Ah! Hanran!
Não sou atriz, modelo, dançarina

Meu buraco é mais em cima
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Ratatá! Ratatá
Hiii! Ratatá
Taratá! Taratá! (RITA LEE)

Nesta letra, Rita impõe a mulher que é quebrando padrões do corpo “Nem toda brasileira é bunda/Meu peito não é de silicone” e de moral “Não sou freira e nem sou puta”. Uma composição defensora das mulheres, desmitificando a mulher ideal cultuada pelo ideário machista e patriarcal:

Rita Lee, em seu trabalho como compositora nos anos 70, teve êxito em questionar, tirar sarro e, na medida do possível, **romper** com as imposições de costumes e de comportamentos ao gênero feminino. Na sua escrita, a mulher é também um ser racional, que luta pelo que deseja, que toma decisões, que tem outras ambições e nada limitadas ao espaço privado e à família e, sobretudo, não é uma mulher dócil e preenchida apenas por romantismo e ansiosa pela chegada do príncipe encantado. (MAGI, 2017).

Outra cantora que luta através de suas músicas é Elza Soares⁵, sendo que como mulher e negra enfrenta além do machismo, o racismo que oprime tanto quanto, sendo também uma construção cultural das sociedades que oprimem em razão da cor da pele.

O álbum *A mulher do Fim do mundo*, na canção Maria da Vila Matilde, enaltece as mudanças das leis, salientando o 180, número da

⁵ Elza Soares nasceu em 23 de Junho de 1937 no Rio de Janeiro. Filha de uma lavadeira e de um operário, foi criada na favela de Água Santa, subúrbio de Engenho de Dentro. Cantava, desde criança, com a voz rouca e o ritmo sincopado dos sambistas de morro. Aos 12 anos, já era mãe e aos 18, viúva. Foi lavadeira e operária numa fábrica de sabão e, com 20 anos aproximadamente, fez seu primeiro teste como cantora, na academia do professor Joaquim Negli, sendo contratada para cantar na Orquestra de Bailes Garan e a seguir no Teatro João Caetano. Em 1958, foi a Argentina com Mercedes Batista, para uma temporada de oito meses, cantando na peça *Jou-jou frou-frou*. Quando voltou, fez um teste para a Rádio Mauá, passando a se apresentar de graça no programa de Hélio Ricardo. Por intermédio de Moreira da Silva, que a ouviu nesse programa, foi para a Rádio Tupi e depois começou a trabalhar como crooner da boate carioca Texas, no bairro de Copacabana, onde conheceu Silvia Teles e Aluísio de Oliveira, que a convidou para gravar. No seu primeiro disco, gravado em 1960, pela Odeon, cantou *Se acaso você chegasse* (Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins), alcançando logo grande sucesso. Esse samba fez parte de seu primeiro LP, com o mesmo título da música. A seguir, foi para São Paulo SP, para trabalhar no show *Primeiro festival nacional de bossa nova*, no Teatro Record e na boate Oásis, gravando depois seu segundo LP, *A bossa negra*. Em 1962, como artista representante do Brasil na Copa do Mundo, que se realizava em Santiago, Chile, cantou ao lado do representante norte-americano, Louis Armstrong. Nessa época ficou conhecendo o futebolista Garrincha, com quem casaria mais tarde. No ano seguinte, gravou pela Odeon o LP *Sambossa*, tendo como destaque as músicas *Rosa morena* (Dorival Caymmi) e *Só danço samba* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes); e, em 1964, lançou pela Odeon *Na roda do samba* (Orlando e Helton Meneses), faixa-título do LP. Realizando inúmeras apresentações pelo Brasil e nas emissoras de televisão, os LPs se sucederam: em 1965, foi a vez de *Um show de beleza*, pela Odeon, com, entre outras, *Sambou, sambou* (João Melo e João Donato), e *Mulata assanhada* (Araulfo Alves); em 1966, saiu pela mesma gravadora o LP *Com a bola branca*, onde cantou *Estatuto de gafeira* (Billy Blanco) e *Deixa a nega gingar* (Luís Cláudio). Apresentou-se, em 1967, no Teatro Santa Rosa, no show *Elza de todos os sambas*, e, novamente pela Odeon, gravou em 1969, o LP *Elza, Carnaval & Samba*, cantando sambas-enredo, como *Bahia de todos os deuses* (João Nicolau Carneiro Firmo, o Bala, e Manuel Rosa) e *Heróis da liberdade* (Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola e Manuel Ferreira). Em 1970 foi para a Itália, apresentando-se no Teatro Sistina, em Roma, e gravando *Que maravilha* (Jorge Ben e Toquinho) e *Mascara negra* (Zé Kéti). Nesse mesmo ano, gravou o LP *Sambas e mais sambas*, pela Odeon, interpretando músicas como *Maior é Deus* (Fernando Martins e Felisberto Martins) e *Tributo a Martin Luther King* (Wilson Simonal e Ronaldo Böscoli). De volta ao Brasil, em 1972, lançou, pela mesma etiqueta, o LP *Elza pede passagem*, onde interpretou *Saltei de banda* (Zé Rodrix e Luís Carlos Sá) e *Maria-vai-com-as-outras* (Toquinho e Vinícius de Moraes), e apresentou-se no teatro carioca Opinião, no show *Elza em dia de graça*. Ainda nesse ano, passou uma temporada realizando um show no navio italiano *Eugênio C*, fez um espetáculo de duas semanas na boate carioca Number One, cantou no *Brasil Export Show*, realizado na cervejaria Canecão, do Rio de Janeiro, e recebeu o diploma de Embaixatriz do Samba, do conselho de música popular do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro. Em 1973, gravou o LP *Elza Soares*, pela Odeon, cantando *Aquarela brasileira* (Silas de Oliveira) e *Pranto de poeta* (Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito); e apresentou-se no show *Viva Elza*, que estreou no T.B.C., na capital paulista, e que depois foi levado em vários Estados. Nos dois anos seguintes, lançou pela Tapeçar mais dois LPs, *Elza Soares, com Bom-dia, Portela* (Davi Correia e Bebetto de São João) e *Chamego da crioula* (Zé Di); e *Nos braços do samba*, com faixa-título de Neoci Dias e Dida. Gravou ainda *Pilão+Raça=Elza* (1977), *Somos todos iguais* (1986) e *Voltei* (1988). A partir de 1986, com a morte de Garrincha, seu filho com o jogador de futebol Garrincha (1933 – 1983), passou nove anos na Europa e nos EUA De volta ao Brasil, gravou em 1997 o CD *Trajatória*, só de sambas, com músicas de Zeca Pagodinho, Guinga e Aldir Blanc, Chico Buarque, Noca da Portela, Nei Lopes e outros. Nesse mesmo ano, saiu o livro *Cantando para não enlouquecer*, biografia escrita por José Louzeiro (Editora Globo). Biografia: *Enciclopédia da Música Brasileira*. Art Editora e PubliFolha. In: <http://www.mpbn.net.br/musicos/elza.soares/>.

Delegacia da Mulher, enaltece a coragem da mulher, de não se calar diante de um agressor. Vejamos:

MARIA DA VILA MATILDE

Cadê meu celular?

Eu vou ligar pro 180

Vou entregar teu nome

E explicar meu endereço

Aqui você não entra mais

Eu digo que não te conheço

E jogo água fervendo

Se você se aventurar

Eu solto o cachorro

E, apontando pra você

Eu grito: péguix guix guix guix

Eu quero ver

Você pular, você correr

Na frente dos vizinhos

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?

Eu vou ligar pro 180

Vou entregar teu nome

E explicar meu endereço

Aqui você não entra mais

Eu digo que não te conheço

E jogo água fervendo

Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix guix guix guix
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho
Teu bloco de pule
Teu dado chumbado
Ponho água no bule
Passo e ofereço um cafezim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix guix guix guix
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
Eu capricho no esculacho
Digo que é mimado
Que é cheio de dengo
Mal acostumado
Tem nada no quengo
Deita, vira e dorme rapidinho
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim. (ELZA SOARES)

Elza Soares sofreu muitas críticas morais, bem como com sua história de muita luta de mulher negra, nascida pobre, encarou o julgamento moral da sociedade patriarcal machista e racista:

Nesta semana, uma mulher branca sugeriu um boicote ao álbum *Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares. O motivo é que o álbum não seria feminista, já que na sua produção trabalharam homens machistas. O argumento dá a entender que Elza estava sendo usada e não possuía consciência da potência do álbum. Nele, Elza canta sobre a liberdade da mulher e a necessidade de uma vida sem violência. Logo, várias reações surgiram. A afirmação da moça foi vista como um desrespeito à trajetória de Elza, já contemplada com o título de “cantora do milênio”. E eu concordo. Querer deslegitimar uma obra como essa por conta do envolvimento de homens machistas não é argumento que se preze. Fosse assim, nada na indústria cultural seria produzido porque machismo é um elemento estruturante da sociedade, e como tal, não há espaço que esteja isento – o mesmo acontece com o racismo. (RIBEIRO, 2016, grifo nosso).

Ante o racismo e machismo como estruturantes sociais que foram construídas e reproduzidas historicamente na sociedade, não há possibilidade de condenação de obras feministas por estarem envoltas de pessoas machistas. O feminismo é um exercício de desconstrução diária, possibilitando o olhar para dentro, nos fazendo perceber os preconceitos em que fomos construídas. Essas duas cantoras, Elza e Rita, além de tantas outras famosas e não famosas representam as mulheres que dão força a voz que muito foi e ainda é calada pela cultura machista, sexista e racista em que a sociedade foi construída. A Arte integra, educa e, aos poucos abre os ouvidos de quem ainda não ouve.

CONSIDERAÇÕES: UMA COMPOSITORA DO INTERIOR

DEPOIMENTO

Fui cantora de mpb e pop rock por quase seis anos pelas noites marilienses, poetisa, bailarina de dança do ventre e cigana, amante das artes, moradora da cidade de Marília, interior de São Paulo. Por muitas

vezes senti na pele o machismo, pela razão de assumir minhas ideias e gostos, como também pela iniciativa de cantar pelas noites da cidade.

Eu cantei por alguns anos com outra mulher, bem como, frequentemente recebíamos cachês menores do que os cantores do sexo masculino recebiam, além da grande dificuldade de conseguir um espaço no mercado de trabalho artístico pelo simples fato de sermos mulheres.

Certa vez, o dono de um bar questionou minha companheira de canto do sobre o porquê de não cantarmos com um homem, acrescentando de que a noite mulher deveria ficar em casa.

Nos shows, homens eram invasivos; A sociedade musical é machista, e não diferente da sociedade mundial. A mulher é desvalorizada, mesmo com tantas leis formais visando a nossa proteção. Era complicada qualquer ação positiva ou negativa durante os shows, ou éramos vistas como “mulher fácil” ou como lésbicas, não que tais características fossem problemáticas, mas, a questão que pretendo enfatizar é que a dualidade feminina coloca as mulheres em “ruas sem saída”. A vida da mulher cantora não é fácil, principalmente para as não famosas.

Penso que, por eu ser compositora, presto muita atenção nas palavras e nos significados múltiplos que elas podem ter; Nunca me esqueço de quando fui chamada de “Mulher da noite” de forma pejorativa; como se espalhar a música popular brasileira fosse um erro, um pecado capital!

Sublimei o pejorativo e disse a mim mesma:

Sim! Sou mulher da noite...

Sou mulher do dia

E de tantas alegrias

Minhas lutas são diárias

Minhas lágrimas insecáveis

Sou mar de emoção

Pela minha música tenho gratidão

Devota dos sentimentos

Realizo tudo

Tudo o que me inquieta por dentro!

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRASIL. *Lei n. 11.340/2006 - Maria da Penha*. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 01 jun. 2017.
- DIAS, Maria Berenice. *Manual de direito das famílias*. 10. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.
- DICIONÁRIO ONLINE GLOSBE. *Significados de mulher*. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/pt/la/mulher>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 1, v. 40, p.149-164, 1997.
- MACEDO, Eunice; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). *Mulheres, gênero e violência*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- MAGI, Érica Ribeiro. A ovelha negra das relações de gênero. *Sociologia*, São Paulo, 18 jan. 2017. Disponível em: <http://sociologia.uol.com.br/a-ovelha-negra-das-relacoes-de-genero/>. Acesso em: 05 jul. 2017.
- MARTINS, Ana Paula Antunes. O machismo no Brasil. *Agência Patrícia Galvão*, 28 abr. 2014. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho-2/o-machismo-brasil-por-ana-paula-antunes-martins/>. Acesso em: 09 jul. 2017.
- MORENO, Renan de Marchi. *A eficácia da lei Maria da Penha*. 20 nov. 2014. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/8757/A-eficacia-da-Lei-Maria-da-Penha>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal Dos Direitos Humanos*, 1948.
- PORTAL EBC. *As oito mulheres que influenciaram o feminismo no Brasil*. 08 mar. 2016. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2016/03/feminismo-conheca-mulheres-precursoras-da-luta-pelos-direitos-da-mulher-no-brasil>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- REVISTA ÉPOCA. *Quem foi Frida Kahlo*. 2015. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT512470-1661,00.htm1>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- RIBEIRO, Djamila. Antes de boicotar Elza Soares, repense seu racismo. *Carta Capital*, 22 jun. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/antes-de-boicotar-elza-soares-repense-o-seu-racismo>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- SAFFIOTTI, Heleith Iara Bongiovani. O conceito de patriarcado. In: SAFFIOTTI, Heleith. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abreu; Expressão Popular, 2015. p.56-65.
- SILVEIRA BUENO. *Minidicionário da língua portuguesa*. ed. rev. e atual. São Paulo: FDT, 2000.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- TOSI, Marcela. Direitos da mulher: Avanços e retrocessos na legislação e políticas públicas. *Politize*, 29 set. 2016. Disponível em: <http://www.politize.com.br/direitos-da-mulher-avancos-e-retrocessos>. Acesso em: 04 jul. 2017.
- XIMENES, Pablo. *A origem da palavra mulher*. 08 mar. 2013. Disponível em: <http://ximen.es/?p=1573>. Acesso em: 12 jul. 2017.